



## **“O Palhinhas”** (1915 – 1975)

### **Um Figurão de Agridoce Humor** (A história de um inesquecível jornal figueirense)

**Um Subsídio para a História da Imprensa Figueirense  
do Século XX**

**Por: João Martins Rodrigues**

**Se desejar contactar o autor, sobre este trabalho ou outro por ele  
elaborado, pode fazê-lo pelo e-mail:**

**[tio.joao@netc.pt](mailto:tio.joao@netc.pt)**

**Todos os comentários serão bem recebidos e merecerão atenção.**

**Obs.:**

Um resumo do conteúdo deste opúsculo foi publicado nos jornais O Figueirense e O Dever em Novembro de 2004



## Índice

Explicando	5
1915 / O Ano da Graça	7
Nos Anos Trinta	11
Nos Anos Cinquenta	16
Nos Anos Sessenta / Setenta	22
Justificação	27



## Explicando

Este escrito começou por nascer para criar mais “uma figura” para a colectânea que, já há alguns anos, temos vindo a elaborar e tem o nome: “Figuras desta Figueira / Desta Figueira da Foz”. Acontece que depois de termos auscultado, informalmente, alguns figueirenses ligados às “Artes Gráficas” e, principalmente, à vida de “O Palhinhas”, o nosso interesse foi aumentando, as notas foram surgindo e acabámos por sentir como conveniente a consulta à colecção desse “apagado” mas ainda recordado jornal, na Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás / Sala Figueirense.

Com essa consulta, a nossa curiosidade foi sendo satisfeita e as notas cresceram. Depois, iniciámos o escrito com o estilo que temos procurado manter na referida colectânea, mas, às tantas, notámos que o mesmo se alterara. Então, deixámo-nos ir e, quando demos por nós, estava acabado o trabalho que aí deixamos e que, mesmo não servindo o nosso objectivo inicial, pode interessar a outros, na actualidade ou no futuro, assim ficando, pelo menos, naquela biblioteca pública como um subsídio para a “História da Imprensa Figueirense do Século XX”.

O autor

*João Martins Rodrigues*

Dezembro de 2004 / 3ª versão





## Um Figurão de Agridoce Humor

### 1915 – O Ano da Graça

Nasceu pouco tempo depois de ter eclodido aquela inesquecível guerra que levou portugueses às trincheiras francesas, particularmente a La Lys, e deixou de dar sinais de vida em 1975, aquando do célebre Verão quente que atravessou Portugal, o que não quer dizer que tenha “morrido” definitivamente, já que pode encontrar-se, ainda hoje, numa longa letargia. Com um pouco de fantasia, podemos até admitir que foi ou é um fenómeno, porque nasceu sem mãe, dado que entre os seus “progenitores” apenas são conhecidos homens, tendo tido, portanto, vários pais. Mas isso não impediu que, enquanto esteve activo e se mostrou às gentes, deixasse de semear, principalmente pelo concelho da Figueira da Foz, abundante bom humor, muitas vezes dirigido, acintoso, jocoso, incomodativo e cáustico, com endereço facilmente adivinhado, sendo até bem provável que tenha sido um bom veículo de

promoção da terra em que nasceu, pelos mais diferentes locais e, muito particularmente, pelo país vizinho e no país irmão.

Não viu a luz do dia, pela primeira vez, como aconteceu a muitos figueirenses, na recordada Casa da Mãe, nas proximidades da zona do Pinhal das Águas, a caminho de Tavadede, já que a sua gestação e parto se deram em zona mais central da cidade, na sempre Praça Nova que, como se sabe, até tem outro nome, nos bastidores da Casa Havaneza que por ali deu, tal como ele, os seus primeiros passos para depois, quer um quer outra, se mudarem para o Bairro Novo.

Estava-se em 17 de Julho de 1915, quando se deu o nascimento deste figurão.

Ao vir a este mundo, parecia querer demonstrar que a guerra onde se veio a derramar sangue seu conterrâneo – lembramos o soldado Curado –, desenvolvendo-se para além dos Pirinéus, não lhe metia medo, e avisou que “romperia às quintas-feiras e aos domingos, a partir das sete e pico da tarde” para criar boa disposição nos figueirenses e noutros que por cá se encontrassem e estivessem dispostos a gastar “um vintém” para o adquirirem, gasto esse que agradecia com “um muito obrigadinho”.

Garantiu que seria, bi-semanalmente, o “Rol da Roupa Suja Cá da Praia” e também “Um Papel de Literatura e Crítica” mas, pouco tempo depois, incapaz de cumprir o prometido, passou a aparecer uma só vez por semana e, perdendo o gás, acabou por ficar-se pela época de veraneio, com um curto arrastamento até ao Outono (17.10.1915), entrando numa hibernação de 15 anos, provavelmente, para mágoa dos que o fizeram nascer que foram: José dos Santos Alves (Proprietário) Augusto Pinto (Director) Brandão de Mello (Administrador e editor) João Oliveira e José Brandão (Redactores) e aquele que a ele sempre veio a ficar ligado, Adriano Santos, (Secretário de Redacção, inicialmente).



Certamente de entre os figueirenses de nascimento e os de frequência ou estada, há já umas dezenas de anos, e que isto lêem, estarão muitos percebendo que os estamos a conduzir para lembranças dum saudoso figurão de papel e do passado que, uns bons anos depois de ter nascido, passou a usar chapéu e laçarote, e que tinha por nome “O Palhinhas”, ao qual esteve intimamente ligado um outro figurão. Esse outro, era um bem aperaltado figurão de carne e osso, tipo “bon vivant”, que se metia em sarilhos de saias, dava nas vistas com o seu vistoso “pópó” descapotável e que na Figueira passava o Verão, afastado do seu poiso alfacinha, referimo-nos ao já citado Adriano Santos, conhecido, entre os seus pares, pelo “Pinana”, que foi o seu mais fervoroso “progenitor”, tutor e tudo o mais do figurão de papel.

Logo ao surgir, o dito cujo papel de leitura, começou por fazer a corte ao sempre atraente e ternurento sexo, mostrando, no frontispício, numa imagem de boas dimensões, uma rechonchuda rainha de beleza, da comunidade portuguesa emigrada no Brasil, identificada como D. Leopoldina de Mello, e não se esqueceu de saudar o respeitável público, dando-lhe a conhecer quanto desejava terçar armas – as suas armas: letras, páginas, etc., – na defesa e na promoção da Figueira da Foz. Não se ficando por aí, desatou a derramar nas suas páginas, úteis informações e doses de humor muito a gosto popular, em que o mexerico direccionado não era raro, em Contos do Vigário, Crónicas da Praia, Ao Banhista e ao Indígena, De fora da ribalta, Versos a pedido, Typos e Manias, convidando até à frequência de um hipotético cine, o Cine-Palhinhas, no qual mandava entrar os cinéfilos (“é entrar.... é entrar...”), para além de dar a conhecer um “Programa Geral para Amadores” de Cinema, Música..... e Petiscos, indicando, é claro, os melhores

estabelecimentos da Figueira e arredores, que eram os seus anunciantes e o indispensável suporte.

Em tudo isso, se glosava o quotidiano local adocicado com o sempre inebriante amor, inconfundivelmente fantasioso ou aparentemente convicto, em cartas carregadas de bem-querer, informando até da possibilidade de dar a conhecer, “a troco duma curta cheta”, declarações infestadas pelo cupido.

A par do seu manifesto desejo de criar boa disposição e dos indispensáveis anúncios, inseria também uns bem intencionados apelos para que os jornais, depois de lidos, fossem cedidos para leitura em prisões e hospitais, e depois vendidos a favor do Jardim Escola João de Deus e do Asilo da Obra da Figueira, indicando os locais em que podiam ser depositados.

## Nos Anos Trinta

Depois, passados os 15 anos de hibernação, “O Palhinhas” acorda colorido – passa a ser impresso em papel colorido –, numa segunda série, a um domingo – 3 Agosto de 1930 – com outro director (O Dr. Ernesto Tomé) e com o obrigatório “Visado pela Censura”, em destaque, junto do cabeçalho, assumindo-se como “Semanário de humorismo, actualidades, crítica, literatura, cinema e desporto” ao preço “duma miserável coroa”, mantendo o seu lema de “Rol da Roupa Suja Cá da Praia”. Muda de barriga, perdão, de tipografia e depois da Havaneza, só o número de arranque, e Typografia /Empreza Lusitana, passa para a Popular, na rua do Estendal, e mais tarde, no final desta sua fase (da 2ª à 5ª séries), também ela, em parte, coincidente com um conflito bélico mundial, no terminar da década de trinta imprime alguns números especiais na Figueirense.

Ao iniciar esta etapa da sua vida, o bem disposto jornal tem um editorial de reaparecimento que começa com elucidativas e espirituosas palavras: “Do alto do cabeçalho deste jornal, O Palhinhas levanta-se, curva-se e cumprimenta a Imprensa, os anunciantes, os amigos e os inimigos também...” (Pois então, também os inimigos) e, com mais um bom pedaço de agradável prosa, mostra que tenciona manter o seu espírito satírico.

É nesse arranque que surge uma primeira referência ao “Pátio das Galinhas”, apontada ao inesquecível Pátio/Hall/Esplanada do Grande do Casino Peninsular. Referência essa que viria a ser muito desenvolvida, em rubrica com “logotipo”, incluindo galináceos e tudo, nos anos cinquenta. Nos primeiros números aparecem algumas novas e duradouras rubricas, nem todas fixas, como: Fundilhos, Gazetilha, Contos só para homens e só para senhoras; Dicionários de Termos de Algibeira; Cartas para perto; Correspondência Interceptada; Crónicas Alfacinhas;

Sueltos e alguns artigos em espanhol. Com estes, ia piscando o olho a “nuestros hermanos” e, sobretudo, às “hermanas” também visadas com uns concursos de beleza ou lindeza para “señoritas e mademoiselles”, apelando à entrega dos votos na Casa Havaneza, na Cândido dos Reis, onde também funcionou a saltitante redacção.

A curiosidade, por esses concursos, era espicaçada com a publicação de classificações, em quadros de honra, com a evolução das melhores votações para portuguesas e para espanholas, em separado. Eis alguns nomes (fictícios ou verdadeiros?) das belas citadas em lugares de destaque: Concha Rivera, Pepita Carabajo, Lola Viegas (señoritas); a par das lusas: Lívia Bastos, Emília Amara, Glória Bento Pessoa (mademoiselles).(Notem-se os apelidos.) Nesta ocasião o jornal chega a ter um número com 2ª edição!!

Os textos de “O Palhinhas” eram, dum modo geral, primorosos de imaginação e oportunidade, carregados de condimentos activantes da curiosidade e de bom humor. Desde uma carta de amor, assinada por Rodolfo Valentino, à informação de ter-se achado, após um bailarico, um bilhetezinho manuscrito com um convite para uma noite clandestina, ou aos termos do Dicionário de Algibeira, entre os quais que se podem apreciar os exemplos seguintes. Contrabando: Meter machos dentro de fronteiras conjugais sem a vigilância dos maridos; Contrapeso: Ter em casa uma cunhada solteira e com mais de 40 anos; Coscuvilhice: Doença que ataca as senhoras dos 10 aos 70 anos.

Na fase dos anos trinta, a ilustração do jornal, quase sempre de quatro páginas, começa a ser significativa, particularmente, nos números iniciais e nos especiais do final da década, e, em alguns números, indica-se que as fotogravuras, que encareceriam as edições, tinham sido gentilmente cedidas por A

ou B, não poucas pela Administração do Casino, cujas instalações e festas são mostradas com frequência.

Outra particularidade está no facto de, ao longo desses anos, o “Visado pela Censura” ter passado do cabeçalho para lugares discretos das páginas interiores e, por vezes, não aparecer.

No final da época de Verão de 1932, Ernesto Tomé deixa a direcção do jornal que tenta manter-se todo o ano, com edições na época de Inverno introduzida com um chapéu de chuva aberto na 1ª página, cujo cabeçalho deixa de ter a expressão “Rol da Roupas Suja Cá da Praia”, surgindo com um espirituoso lema. Assim: “Semanário humorístico quanto possível, de crítica sempre que possa, de cinema de vez em quando, de propaganda todos os números e de má língua aos sábados”.

É assegurada a publicação, quase regular, até à Páscoa do ano seguinte, anunciam-se até postos de venda em Coimbra, quando para além de se vender nas papelarias e tabacarias da Figueira (Lusitana, Havaneza, Africana, Pessoa e outras) também se encontrava à venda pelas ruas, nos engraxadores e nas mãos de jovens ardinhas que até mereceram foto com publicação no jornal.



Por essa altura, passam a notar-se mais textos sérios, informações de acontecimentos, por vezes, sem índole local, como um artigo sobre os ardinhas de Lisboa, assinado por António Ferro.

Na época de Inverno, lança mais dois concursos, mas agora visando os e as indígenas, a saber: Concurso A Rainha das Costureiras da Figueira e o Grandioso Concurso da Pulga. Este com características idênticas às da conhecida batalha naval, com o quadriculado sobre um corpo de mulher, e o primeiro com

apelo aos leitores: “às urnas, às urnas rapaziada pela costureira mais bonita da Figueira”. Os votos apareciam encartados ou impressos no jornal, com a indicação de corte.

**Concurso de beleza feminina do**  
**«Palhinhas» de 1932**

**¿ Qual é a mais linda costureira da Figueira ?**

**VOTO** na .....

Nos números seguintes, lá surgem os nomes (fictícios ou verdadeiros?) das belezas da agulha e do dedal melhor posicionadas na classificação.

Recordemos algumas das candidatas que constavam do primeiro quadro de honra: 1ª – Arminda Santos; 2ª – Graciete Borges; 3ª – Adelina Maia; ...; Celeste Tira linhas; Maria Luiza (Loirinha Palmira), e fiquemo-nos por aqui.

Do final de Outubro de 32 e até 35, a direcção é assumida pela “Empresa O Palhinhas”, entretanto criada por Adriano Santos que, em 36, aparece como director/editor e, a partir de 1937, já também como proprietário, com o jornal, novamente, a publicar-se apenas na época de veraneio. Ainda nesta fase, é também notada uma interessante rubrica designada por “Bacoreja-se”, apresentada por largo tempo com regularidade, e também dois interessantes artigos. São eles: “Os Sete Pecados Mortais do Palhinhas” (Soberba, Avareza, ..., Inveja, Preguiça) apontados, no bom sentido, para os estimados anunciantes – uma carteira que se mostrava vasta – e “Os Dez Mandamentos do Banhista”. Destes, para que se apreciem, respigámos os seguintes: 1º – Amar a Figueira sobre todas as praias... 2º – Não inventar defeitos para a nossa terra, por que os não tem. 9º – Reconhecer que a Figueira, de ano para ano, se desenvolve e cria novos atractivos, para bem receber e distrair os banhistas.

10º – Ao voltar para a sua terra, apregoar bem alto o nome da nossa praia e não se esquecer de pagar a assinatura de “O Palhinhas”. Veja-se caixa ao lado.

E aqui, informamos nós, que isto escrevemos, que o preço da assinatura era de “Cinco Paus”/Época, e os mesmos podiam ser metidos por debaixo da porta da redacção (Rua Cândido dos Reis, 89), caso não estivesse lá alguém para os receber, segundo se pode ler num número do periódico. Porém, nos números editados como especiais e únicos, que são publicados de 1938 a 1941, a edição é anunciada como grátis em “todo o país”(!). Nesses números, aparece quase sempre a justificação da temporária ausência e a esperança da continuação.

Apesar dessas esperanças, os anos quarenta trouxeram-lhe uma segunda hibernação, iniciada a 41, que poderá ter sido causada pelos perniciosos efeitos da II Grande Guerra Mundial, na qual Portugal não entrou, mas muito sentiu.

## **Os dez mandamentos do banhista**

1.º—Amar a Figueira sôbre tôdas as Praias e fazer as suas compras nos nossos anunciantes.

2.º—Não inventar defeitos da nossa terra, porque os não tem.

3.º—Visitar a Serra mais do que uma vez por época, fazendo dela a maior propaganda, não olvidando o nome de Alberto Rei que foi quem a tornou no que ela hoje é.

4.º—Ir tôdas as manhãs à praia, tomando banho se a isso estiver acostumado, à tarde frequentar o Concérto e o Tennis, e passar a noite no Casino, fazendo de vez em quando a sua digressão pelos Cafés e Esplanada.

5.º—Fazer a maior propaganda da Figueira, apondo o selo de turismo na sua correspondência e escrevendo sempre em postais com vistas da Figueira.

6.º—Ler o «Palhinhas» e não dizer dêle mal; para dizer mal já cá estamos nós.

7.º—Organizar passeios de camioneta, ou aproveitar os que a Câmara organiza, visitando os arredores da Figueira e indo mesmo mais além, até Penacova, Curia, Buçaco, etc.

8.º—Frequentar o Cine e nunca recusar o seu concurso a festas de caridade, lembrando-se que a Figueira, só por si, sustenta dois asilos, um hospital e muitas outras obras de caridade.

9.º—Reconhecer que a Figueira de ano para ano se desenvolve e cria novos atractivos para bem receber e distrair os banhistas.

10.º—Ao voltar para a sua terra apregoar bem alto o nome da nossa linda Praia e não se esquecer de pagar a assinatura do «Palhinhas».

## Nos Anos Cinquenta

Passou então, digamos, por uma segunda “travessia do deserto” que veio a durar 11 anos, terminando com o reaparecimento do número 1, dia 5 de Julho de 1952, numa série não referenciada mas inovada num cabeçalho com chapéu e “papillon”, à



Maurice Chevalier, então na moda. É nessa data que passa a ser impresso na Tipografia Económica, situada na rua dos Ciprestes, e a ter por director Cardoso Martha que, em 1959, veio a ser substituído, nessa função, pelo proprietário, Adriano Santos. Surge ao preço de 1 escudo, dez tostões, por exemplar, enquanto o preço de assinatura é de 13 escudos, no final dos anos sessenta.

Nesta fase, que se vai estender até aos anos setenta, desaparece, do cabeçalho, a original expressão “O Rol da Roup Suja Cá da Praia” e, logo inicialmente, vê-se na primeira página, junto do título, como complemento do seu já referido lema, algo com espírito que veio a manter-se até às últimas tiragens. Transcrevemos: “O Palhinhas”, no seu género, é o semanário de maior tiragem em Portugal e **não se vende, compra-se!!!**”.

A meio da década (1954) passa a incluir também, com algum destaque, uma referência ao ano da fundação: “Este jornal foi fundado, na Figueira da Foz, no ano da graça de 1915” e, já no final da década, em que adquire a estabilidade das edições, em tempo de veraneio – quase sempre de meados de Julho a meados de Setembro – junta-lhe um bem intencional e esclarecedor “Tudo pela Figueira, nada contra a Figueira”. Pouco antes, os números do jornal passam a ser referenciados também por épocas, considerando as anteriores, não referenciadas. Assim, desta forma: 7<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup>, e assim sucessivamente até à 24<sup>a</sup>, no Verão 1975.

Nota-se então que o “espírito” deste criador de boa disposição se começa a alterar significativamente, ainda que se mantenha a enaltecer os valores da Figueira da Foz, principalmente os virados para a área do turismo e daquilo que lhe está ligado. Logo no arranque de 52, apresenta um elucidativo artigo de reaparecimento: “Vamos a Isto, Meus Senhores!!” e um outro com cariz poético: “Figueira da Foz – Varanda Corrida Sobre o Atlântico”, que parece ser indicador do afastamento do espírito predominantemente satírico/humorístico que o caracterizara, tornando-se algo formal e, em alguns números, com textos que têm muito mais de poéticos elouvaminhosos do que de humor, com evidente risco do leitor se ter esquecido que lia um semanário criador de boa disposição.

Isso é evidente, por exemplo, no N<sup>o</sup>1 do Verão de 54 em que os artigos da primeira página, apresentam trechos de prosa como estes: “Ao iniciar os primeiros passos desta época de 1954, “O Palhinhas” .... vem de alma e coração saudar o novo Presidente da Câmara Municipal....” (Saudação titulada de sincera com foto do visado); e “Ao inaugurar a Época de Verão “O Palhinhas tem a honra de cumprimentar a Direcção dos Serviços de Censura e todos os seus amáveis colaboradores....” (Que diferença dos anteriores com xi-corações para leitores e até saudações aos inimigos...!); e, num outro, “Ondas e espumas, rimas de velas brancas, são os versos que o mar escreve nas areias de oiro, embalando os sentidos em canções murmurantes de água...” ( Lindo! Mas por onde andaria o humor??).

Com o avançar da década surgiram e fixaram-se rubricas interessantes como Cartas à Zefa, O Que Viram os Meus Olhos e, entre outras, duas que se destacaram. A saber: Buarcos à Vela, que terá gerado grande curiosidade na piscatória vila, aonde “O Palhas” era muito adquirido e chegava rapidamente, graças à correria de garotada que o vendia, à comissão de um ou dois tostões por exemplar, parte dela – da rapaziada – capaz de o

confirmar, porque ainda vive neste princípio do século; a outra rubrica foi o “Pátio das Galinhas” que surgiu, primeiro sem relevo para depois se evidenciar, destacada com um desenho em que se viam galinhas a



tricotar e a lerem, por trás duma rede, fazendo lembrar a da entrada do Casino, graças ao traço de Zé Penicheiro que aparece, no início dessa fase, a colaborar com “O Palhinhas” com uma frequência que não mantém.

A verdade é que a intenção de criar boa disposição se conserva, embora em menor dose, mas com alguns “arrincanços” ou mimos que aqui queremos referir, tais como: uma fantástica entrevista com a “Tosse convulsa da canção nacional”, ou seja com Amália Rodrigues; uma outra com a “Rosinha dos Limões”, em que se intromete a Hermínia Silva, e foi feita “nos luxuosos camarins do Parque-Cine”; e o artigo/previsão intitulado “Futebol Atómico para 1970”, de interessante leitura.

Em contraste, e sem humor, notícias de homenagens a um comandante e a um benfeitor; a passagem dos embaixadores Y e X pela Figueira da Foz; a inauguração da Piscina Praia, assim como as da Casa Abrigo do Sporting Figueirense e do Café Nau; a passagem pela cidade de 200 marinheiros americanos, provenientes duma frota fundeada no Tejo, que vieram assistir a um espectáculo no Grande Casino Peninsular; a oferta e a instalação do relógio da Torre junto à praia – até o valor, 200 contos, a marca e o nome do técnico montador eram mencionados – e, mais compreensível, o destaque para os feitos desportivos de Alves Barbosa, com foto, caricatura e poema como se apresentam a seguir.

Também uma desportista local veio, anos mais tarde, a merecer citação e foto na primeira página de “O Palhinhos”. Foi Isabel Barrué com as suas proezas na natação.

O conhecido e castiço Visconde de Vila Verde também mereceu ser referido, embora muito mais discretamente e por uma vez (1954), com algum humor, como não podia deixar de ser. Mais ou menos assim: “... começam a aparecer as castanhas tal como os buracos no fato do Visconde de Vila Verde”, estava-se no final de Setembro. Para além desses e, mais do que uma vez, sem humor, mas com vénias, ilustraram a página principal, a abrir as épocas, os rostos de notáveis cá do burgo, ligados à autarquia e ao turismo, e, quando de acontecimentos importantes, os dos mais altos magistrados da nação.

## ALVES BARBOSA



o homem  
de quem  
se fala

Montado num veiculo de dois pés,  
Mostrando que é ser gen'e o Português,  
Lá anda pela França a pedalar  
O nosso querido «Tó» a confirmar  
Que nem só de patins e pau na mão  
A gente faz figura. Pois então!...  
Que nunca as pernas doam ao valente  
É se mantenha firme bem na frente  
P'ra nos trazer a todos muito «inchados»  
Por sermos uns Barbosas refinados  
E querermos ver os outros ir atrás  
Salvo seja, claro, e aliás...  
Se a Volta a Portugal que terminou  
Sem se saber ao certo quem ganhou,  
Tivesse sido feita no estrangeiro  
Decerto que seria ele o primeiro.  
E não haviam zangas nem mais ralhos  
E nem qualquer passagem por Carvalhos.  
A suspirar já andam por aí  
Certas meninas por o ver aqui  
E que até choram para o abraçar,  
Nas festas de homenagem a prestar  
Por comissões por si constituídas,  
Muito chatinhas e muito compridas,  
Lembrando um inteirinho peixe espada  
E onde quase chega a haver lambada  
Por todas elas quererem ser sôzinhas  
As «Presidentas», «Misses» e «Rainhas»...  
Já temos do bom «Tó» procuração,  
Chegada mesmo há pouco de avião  
Para o representar condignamente  
Naquelas festas e... sucessivamente.

Por sua vez, o Grande Casino Peninsular ganhou lugar cativo, sistematicamente, na primeira página e noutras, com artigos específicos, e com fotos de festas, que não seriam propriamente humorísticas, não nos parecendo difícil entender o porquê de tudo isso.

Embora o “Visado pela Censura” tenha deixado de aparecer nas páginas do jornal, temos, no entanto, informações, que aceitamos por fidedignas, de que a sua maquete era sempre enviada a Coimbra para ser visada pelos censores, antes da impressão, como acontecia com outros periódicos. Em 1954, saiu mesmo um número, o N<sup>o</sup>9, com vários espaços em branco na primeira página, o que, por ser estranho, pode ter várias interpretações.

O elemento feminino mereceu sempre uma atenção especial ao “Palhas”, ou melhor à sua redacção, não só em concursos e em piadas, mais ou menos maliciosas, mas também fotograficamente e, em um dos números de 1952, pode ver-se uma distinta e identificada beleza (“Tereza Maria Amaral”) num elegante fato de banho, em posição fotogénica, e com uma legenda mais ou menos assim: “Quem foi que disse que não temos belezas cá na terra?”, e, em anos seguintes, para além de outras referências ao belo sexo, o jornal apresenta, também, e em vários números, fotos individuais, não identificadas nominalmente, de “Rainhas de Beleza” eleitas, ficticiamente ou não, em festas nas freguesias de Tavarede, Paião, Quiaios, etc. Acrescentamos nós, que as víamos – as fotos, não as moças –, que eram fotos de belos palminhos de cara com uma boa dose de fotogenia e ar de donzelas. Seriam?

A intenção de captar leitores entre os banhistas espanhóis manteve-se, mais ou menos evidente, e o poema Sevilla, na língua de Cervantes, tem até direito à primeira página de um número de 1959.

Nesse final de década nota-se que a morada da Tipografia Económica, onde o jornal era impresso, passa para a rua Dr. Santos Rocha, para onde iria também, mais tarde, a redacção, como aparece referido a partir de 1964.

Entretanto, surgem rubricas como Retalhos, Flagrantes da Figueira, Placard, Dicionário Atómico, que substitui o Dicionário de Termos de Algibeira, e é anunciado um inesperado invento francês. Nada mais, nada menos que “Um robot para fazer o trabalho das sopeiras”. Acrescente-se, a propósito, que também chega a ser anunciada a intenção da criação dum “sindicato das ditas sopeiras” na Figueira.

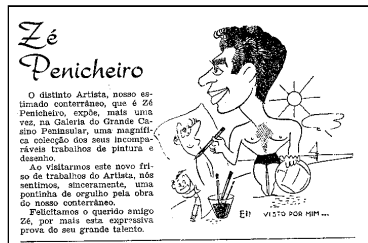
## Nos Anos Sessenta / Setenta

Mantêm-se a continuidade e o estilo do jornal do “Pinana”, Adriano Santos, que se torna popular na Figueira da Foz, onde o seu vistoso automóvel é admirado, e que acumula as funções de Editor, Director e Redactor Principal. A publicação continua apenas no Verão – Julho a Setembro – com muitas fotos da Figueira da Foz, algumas delas repetidas, do Casino e das suas festas, e o humor ao nível da década anterior, agridoce mas não muito, ou seja menos cáustico e menos acentuado do que nos anos trinta.

No cabeçalho da 1ª página aparece o compreensível e conhecido “Aviso/Esclarecimento”: “Todos os personagens e situações que aparecem no “Palhinhas” são fruto exclusivo da imaginação dos autores. Qualquer semelhança com pessoas e situações actuais ou passadas são mera coincidência”. E, em 1963, o preço da assinatura passa para 15 escudos, a receber em Outubro, segundo se informa, mantendo-se o preço, por exemplar, em 1 escudo.

Em 1964 o “fácis” d’O Palhinhas é ligeiramente retocado ou, se quisermos, maquilhado. O chapéu passa a ter ondinhas, a cara torna-se mais risonha e o seu laçarote ou “papillon” passa a estar horizontalmente erecto, o que antes não acontecia.

Não nos surpreenderia se viéssemos a saber que “o boneco / O Palhinhas”, que ficou na memória de todos, foi criado e melhorado pela mão de Zé Penicheiro, cuja irregular colaboração já foi referida, e que até elaborou, e o jornal publicou, uma caricatura sua, algo narcisista, que intitulou por “Eu visto por mim”.



Na segunda metade da década de sessenta, não são notadas alterações significativas, ao nível de rubricas, sendo lançado um inquérito: Quem é mais vaidoso: o Homem ou a Mulher?, e entre outros, encontra-se um interessante artigo: “Mulheres a mais Homens a menos”, e também, entre muitas fotos, como as dos notáveis, em que se incluíam administradores do Casino, nas primeiras páginas, uma mais ternurenta de um grupo de garotos com “O Palhinhas” na mão, mas em página interior, fazendo lembrar uma outra publicada em 1932 em que os fotografados, mais crescidotes, eram indicados como sendo os arduos que vendiam o jornal.

Aparecem e desaparecem rubricas, nascidas anos antes, e algumas, como o Pátio das Galinhas, surgem, por vezes, sem apresentação do desenho que as identificava, sendo as de Buarcos à Vela, de Contos só para homens ou só para Senhoras e O Que Viram Os Meus Olhos, as mais constantes, acompanhadas, irregularmente, com outras como Gazetilha, Suelos, Fundilhos, etc., notando-se uma nova que se torna duradoura, a de “Postais da Cherra”. De referir, ainda, um engraçado inquérito: “As mulheres são mais bonitas de saias ou de calças?” Temos pena, mas não detectámos as respostas e também não temos opinião formada.

Em 1971, depois de, no ano anterior, o preço do jornal ter passado para 15 tostões, entra na 20ª época de publicação e, dentro do que se tinha tornado hábito, apresenta, na primeira página do número de abertura, a foto de mais um notável, este, provavelmente por ser novato, em estreia.

Por essa altura, segundo nos informaram, o “Pinana” – alma mater de “O Palhinhas” – já contava com um colaborador local muito activo, que só mais tarde (1974) aparece referido no cabeçalho da 1ª página do jornal, era Afonso Ribeiro que, entre outras coisas, dinamizava a distribuição e a venda e fazia cobranças. Era um homem ligado a actividades ferroviárias

(Linha da Beira Alta) que, para ganhar mais uns cobres, fazia uns biscates, entre os quais se incluía a colaboração do jornal e a de fiscal no Parque Cine. Esta última função permitia-lhe estimular a venda e a distribuição do “Palhas” pois que, para além da comissão – dois tostões por exemplar – garantia à rapaziada ardina, em parte, recrutada na tipografia, também facilidades (borlas) de entrada no cinema. Para além de serem indicadas, como locais de venda do jornal, as mais conhecidas tabacarias e papelarias da Figueira da Foz são indicados também a Papelaria Satélite, em Buarcos, Quiosques na Praça Nova e no Jardim, e a Barbearia Nicolau, no Paião.

O jornal passara também a apresentar as suas piadas, ditos e mexericos, por freguesias, e, enquanto solicitava mais participação dos figueirenses, mencionava, veladamente, a existência de correspondentes.

Mereceu a nossa atenção um artigo, nunca desactualizado, com várias definições do que é o amor – também nós gostávamos de ser capazes de encontrar a definição mais séria e indiscutível.

Depois entrou-se na primeira metade dos anos setenta em que o jornal foi sendo editado com dificuldades, expressas nas despedidas de época, que levaram ao aumento de preço, 2\$50, em 73, e 5\$00 em 75, e a diminuição de edições, como veremos adiante.

Em alguns números, não considerando “o papel” impresso com os indispensáveis e suportantes anúncios, era mais o espaço ocupado por assuntos sérios do que por artigos de humor, próprios do jornal, ainda que uma ou outra rubrica se tenha mantido quase constante e de interesse, como foi o caso de “Buarcos à Vela,” e das caricaturas de Zé Penicheiro terem reaparecido. Enquanto isso, lá foram surgindo, uma vez por outra, Fundilhos, Gazetilha, Sultos – piscadela às senhoritas e

aos caballeros – e um ou outro artigo poético à Figueira dedicado.

Quanto a assuntos sérios, bem sérios por sinal, referiremos uma reportagem – Operação Sorriso – feita em Angola, por um conhecido jornalista figueirense, em 1973, com o apoio do Governo e do Movimento Nacional Feminino, que foi publicada nos números 5 e 6 desse Verão.

Também a ação revolucionária do Movimento das Forças Armadas, O 25 de Abril de 1974, é noticiada, sem humor, é claro, e com moderação. Lia-se no N.º.1 da 23ª época, em 6.07.74: “Saudação: Ao iniciar a nova época de Verão, “O Palhinhas”, o jornal mais antigo da Figueira da Foz, pois nasceu em 1915, e que desde sempre nunca perfilhou qualquer tendência política, mas sempre o fervor de propagandear as belezas da nossa querida terra, que é esta Figueira da Foz inigualável, sente o dever de apresentar as suas saudações às entidades que governam o nosso querido Portugal, com aquela Fé que todos os portugueses devem sentir em horas de preocupação nos seus destinos.

Às Forças Armadas, legítimas defensoras do Povo Português, apresenta “O Palhinhas” as suas saudações e as suas maiores esperanças e Fé no patriotismo que elas, através dos séculos, souberam cimentar as glórias do nosso querido Portugal”.

Uma interessante ilustração, da autoria de Silva e Souza, datada de 1941 e apresentada na primeira página do N.º.6 daquele mesmo ano, deu-nos que pensar por mostrar um aparente desfile festivo com gente a pedinchar e uma legenda dúbia, possível de significar pessimismo ou esperança.

Após 1971, o número de edições por época reduz-se substancialmente e perde a periodicidade como se pode constatar pelos números que a seguir indicados.

Em 71, de 3.7 a 18.9, saem 12 números;  
 em 72, de 5.8 a 16.9, saem 6;  
 em 73, de 14.7 a 22.9, saem 7;  
 em 74, de 6.7 a 28.9, saem 7;  
 em 75, de 12.7 a 20.9, saem 6.

Antes saíam 12 a 14 números por época, de Julho a Setembro.

“O Palhinhas” tinha chegado à 24ª época, a última de que tivemos conhecimento e contacto directo, em local apropriado.

Por curiosidade, se transcrevem a seguir as despedidas que constam daquele que julgamos ser o último número publicado (20 de Setembro de 1975) até ao presente, salvaguardando o seu reaparecimento.

Rezava assim: “Com este número fecha “O Palhinhas” a sua época de 75, que foi de Julho a Setembro. Infelizmente muitas dificuldades se registaram na confecção deste baluarte de propaganda da nossa linda praia... Mas a vida modificou-se e se o nosso jornal quiser sobreviver tem de adaptar a ela, infelizmente... Até ao ano pois, e muito obrigado a todos os figueirenses com o desejo de um ano feliz para todos nós.

A Redacção”

Foi assim, na nossa óptica, um jornal em papel colorido (Relembramos que desde os anos trinta passara a ser impresso em papel colorido e não no tradicional papel de jornal branco), de agridoce humor que chegou a gerar quezílias. Um jornal que reinou na Figueira da Foz, durante uns bons anos do século passado, e que continua a ser lembrado, como ficou demonstrado num São João do início deste século, quando a Marcha de Lares o fez reviver, na coreografia e no guarda-roupa, na noitada das festas da cidade. Estava-se em Junho de 2001. Enfim, um jornal que faz parte da História da Imprensa Figueirense do Século XX, para a qual este escrito pode ficar como subsídio.

### Justificação:

Concluído este escrito, interrogámo-nos quanto ao que nos levou a escrevê-lo. E então, em consciência, encontrámos duas, talvez débeis, mas principais justificações: A nossa curiosidade pelas coisas que dizem respeito á Figueira da Foz e o facto de este jornal poder ser um discípulo ou parente afastado de “Os Ridículos” que, ao vasculharmos a lancheira do almoço do pai, muitas vezes, encontrámos a embrulhar algumas peças de fruta trazida da cantina da fábrica. Papávamos a fruta e, sílaba a sílaba, íamos começando a ler as primeiras palavras, com um humor que nem sempre entendíamos, nas enrugadas folhas do jornal. O gosto criado por essas leituras terá sido por nós retomado quando, no final dos anos sessenta, conhecemos “O Palhinhas”, na Figueira da Foz.

Acontece que, ao satisfazermos a nossa curiosidade, pesquisando para este escrito, encontrámos num antigo exemplar do jornal, fazendo graça, uma “informação” que tudo pode justificar. Diz assim: “Todo o fabiano, nascido nesta lusa terra, traz, logo ao nascer, atavicamente, o embrião da fúria jornalística que, quando se manifesta, o leva a escrever para se sentir realizado”. Pode muito bem ser esse o nosso caso. Quem sabe?!

Complementamos esta justificação, com a esperança de que aquilo que aí deixamos escrito, para relembrar esse figurão de agridoce humor, não adultere a utilidade e o mérito que tenha tido e que agrade, na generalidade, aos que o conheceram e aos que de “O Palhinhas” só ouviram ou venham a ouvir falar.

Figueira da Foz, 15.10.04  
Miguel Bombarda / 15 h



## **Outros Escritos do Autor:**

### **Estórias e Estorinhas, mas não só para criancinhas**

Editado em livro. Duas edições / Maio e Dezembro de 1999

### **Contos de Amor na Figueira**

Editado em livro. Março / 2000

### **Estórias para Crianças da Figueira e suas Freguesias**

Editado em livro. Novembro / 2000

### **Três Contos Com Fantasia e Verdade**

Editado em livro. Setembro / 2001

### **Coisitas do Tio João da Figueira / P'ròs Miúdos mas não só**

Edição em livro em Novembro de 2001

“Edição” restrita do Sporting Figueirense ( Maio / 2000 )

“Edição Policopiada” a favor do Lar de St. António ( Julho 2001)

### **Figuras da Minha Vida / Pedacos do Fado Meu**

Edição em livro. Novembro / 2002

### **Da Figueira com Humor, Poesia e... e para crianças, senhores!**

Edição em livro. Novembro / 2002

Figuras desta Figueira / Desta Figueira da Foz

“Mini-edição” policopiada a favor do Sporting Figueirense  
( Junho / 2002 )

Figuras da Nossa Terra (1ª Série / Publicação no Mar Alto )

Figuras da Nossa Terra (2ª Série / Emitida na R. F. do Mondego)

Figuras da Minha Infância / 1ª Série

“Edição” restrita / 2000

### **Poesia em Mini Férias**

“Mini-edição” restrita / Junho 1998

### **Inspiração em Ano Capicua / 1991**

2ª“Edição” restrita / Julho 2001

### **A Mulher na Minha Escrita**

“Edição” restrita / Outubro 2000

### **100 Mini-Contos Para Sorrir ou Talvez Não**

“Edição” restrita / Outubro 2003

Contos com o Pai Natal / Pré-edição Dez. 2004